

Resenha

---



## ACHERONTA MOVEBO

Resenha de FIGERMANN, Dominique e MENDES DIAS, Mauro. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

*Luis Guilherme Coelho Mola*

Psicanalista, Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pesquisador do Núcleo de Psicanálise e Sociedade da PUC-SP e professor do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu.  
E-mail: lgcoelho@uol.com.br

*Fica mais feio o feio que consente o belo.*  
Raduan Nassar, *A Lavoura Arcaica*.

Entre as críticas que Adorno (1951/1992) dirige à psicanálise em sua *Minima Moralia* encontra-se uma afirmação que surpreende por sua brevidade e contundência: “Na Psicanálise nada é verdadeiro a não ser seus exageros” (p. 41). Leitor de Freud, Adorno sabe que todas as vezes que a psicanálise foi revista a fim de purificá-la dos excessos freudianos, acabou por tornar-se uma teoria insípida associada a uma prática meramente adaptativa. Se a psicanálise tem algo a dizer sobre o sujeito e suas relações com o mundo, sua palavra encontra-se do lado daquilo que instiga, espanta, exagera e não do que conforta ou aplaca a dor de viver.

É no campo desse compromisso ético da psicanálise que se situa *Por causa do pior*, de Dominique Fingermann e Mauro Mendes Dias, livro que reúne os textos apresentados

no seminário de mesmo nome realizado em 2002. *Colocar o pior em causa*, assim definem os autores o objetivo dos textos que investigam tanto as incidências clínicas do pior quanto suas irrupções no terreno das relações sociais. Tarefa atrevida que provoca e convoca o leitor a dirigir seu olhar para: “A *coisa* que simultaneamente *causa* o ser humano na sua singularidade e provoca os transbordamentos que o estorvam na forma de neurose, psicose e perversão” (p. 15). Tarefa que, como todo trabalho de desvelamento, não se leva a cabo sem enfrentar dificuldades.

Dificuldade que se apresenta desde o início, na delimitação dos significados que o termo *pior* pode assumir: de que pior se fala? Fingermann enfrenta essa questão no capítulo que abre o livro (“O nome e o pior”) e Mendes Dias no texto que inaugurou a série de seminários que originaram estes textos (“Por causa do pior – incidências clínicas”). A origem do *pior* que move a discussão se encontra no título do seminário XIX de Lacan, “... *Ou pior*” e, segundo o autor, pode ser compreendido da seguinte forma:

(...) não há relação sexual, do contrário pior... Ou seja, que pior designa o que vai em direção contrária à diferença sexual, que pior implica a não aceitação do desejo sexual enquanto articulado de forma diferenciada para um homem e uma mulher, ou ainda, que pior contraria não haver complementaridade sexual. (p. 112)

O pior é a recusa da irredutibilidade do desejo a um denominador comum, da

inexistência de uma referência absoluta em relação a qual cada um teria sua justa medida.

Ora, mas não é justamente o encontro com essa falta fundamental que marca a constituição do sujeito? Não são as tentativas de obturar, contornar, ignorar essa fissura que constituem os traços que compõem as tramas e os dramas de cada existência? Fingermann, acompanhando o conceito de identificação na obra de Freud e Lacan, nos mostra que o pior não é apenas um dos pólos de uma escolha, mas algo que se encontra em relação de estranha intimidade com cada sujeito: “esse êxtimo – íntimo que está fora de mim, excluído do ‘mim-mesmo’” (p. 46). Revela-se dessa forma o propósito que move os autores: não se trata de um livro sobre o pior como destino, embora os destinos do pior sejam cuidadosamente analisados em seus capítulos, mas sim de um esforço para situar o pior como causa do sujeito.

Não basta, no entanto, colocar o pior em causa. Torna-se necessário enfrentar as exigências que essa causação impõe àqueles que a assumem. Fingermann discute as implicações clínicas dessas exigências em dois textos: “A psicoterapia retorna ao pior” e “Sintoma... ou Angústia”. No primeiro a autora diferencia duas práticas que, embora tenham como semelhança o fato de agirem com palavras, implicam posicionamentos radicalmente distintos em relação ao discurso do sujeito: a psicanálise e a psicoterapia. Utilizando-se da teoria lacaniana dos discursos, mostra que enquanto a psicoterapia se compromete em atender a demanda do sujeito, a psicanálise procura manter um outro compromisso:

O caminho das pedras do desejo, a provação do desejo na experiência analítica passa pelo tratamento da demanda. Esse tratamento não pode se preocupar em suturar ou saturar essa demanda, restaurando um hipotético bem-estar, como haveria de se esperar em uma terapia, pois o que se descobre no caminho do desejo é que o mal-estar é efeito e defeito da estrutura, é irremediável. (p. 42)

Estaria então o sujeito condenado à prisão de um eterno mal-estar? Tal questão é discutida em “Sintoma... ou Angústia” em que, dialogando com Lacan e Colette Soler, Fingermann sustenta que “ficar na pior” não é o objetivo de uma análise, mas sim a possibilidade de conferir um novo estatuto ao sintoma:

O sintoma no fim é como um significante novo que não espera o complemento do Outro, ele pode se apresentar com certa irreverência, mas não com cinismo, pois faz laço, um laço que não parte da maestria e da ocultação, mas que, por partir da causa perdida, produz o novo: um a mais, um destaque (p. 71).

Cabe aqui uma observação: o recurso às fórmulas e matemas lacanianos responde à complexidade do objeto analisado e é feito pelos autores de maneira clara e consistente, tornando o texto acessível mesmo para os leitores que não estão familiarizados com as formalizações lacanianas.

Mendes Dias toma como objeto de suas reflexões clínicas duas manifestações do pior: a depressão e o sonambulismo. Em “O problema da identificação na posição depressiva”, o autor analisa a implicação do sujeito na depressão, insistindo que existe aí uma escolha: “O sujeito deprimido se esconde porque

o seu maior sintoma é a culpa. A culpa de ter desistido de seu desejo e de não ter consentido a ele” (p. 124). Sujeito que, desconectado da economia do desejo, torna-se objeto do que é denominado no texto *Capitalismo Farmacêutico*, que se caracteriza “pela produção de sujeitos esvaziados de gozo e congelados no desejo” (p. 125). Destituído de sua responsabilidade ética perante seu sintoma nada resta ao sujeito senão o pior; pior que a ciência reforça ao tentar silenciá-lo por meio da prescrição incessante de antidepressivos.

A discussão sobre a responsabilidade ética diante do desejo é retomada em “Sonambulismo e Modernidade”, ressaltando a implicação do analista diante dos dilemas trazidos pelo sonambulismo:

Ao sonâmbulo interessa poder continuar dormindo de olhos abertos. O que significa que não há mais separação entre o sonho e o despertar. Daí que a direção do tratamento dos sujeitos que se mantêm nessa posição, convoca o psicanalista a um lugar em que ele, psicanalista, tenha atravessado o medo de que o sujeito realize atos que o comprometam. (p. 170)

Cabe ao analista o dever ético de não retroceder diante do pior.

É precisamente esse dever que faz com que os autores dirijam seu olhar para “o pior, que transborda em escala universal e em espetáculo multimídia” (p. 15). Trata-se da psicanálise em sua extensão: reflexão sobre o que ultrapassa o limite da prática clínica sem cair, no entanto, no equívoco de submeter os fenômenos sociais à lógica dos fenômenos individuais.

Em “Os destinos do mal: perversão e capitalismo”, Fingermann convoca Marx,

Adorno, Debord e, logicamente, Lacan para investigar a forma pela qual o capitalismo se apropria do pior, compreender “as grandes manobras do discurso que nega esse princípio de saída para melhor garantir o seu império” (p. 91). A lógica do capitalismo é homóloga à lógica do fetichismo: há sempre um objeto que encobre a falta. No entanto, enquanto o objeto fetiche se articula com o fantasma de um sujeito singular, o encanto das mercadorias no capitalismo se apresenta como universal: “É o humano conectando o seu circuito pulsional com uma oferta incessante de imagens e objetos que, assediando a sua demanda, curtocircuitam assim a humanidade de seu desejo” (p. 82). Paradoxo: desejo condenado à inanição pelo excesso de objetos.

É também o conceito de fetichismo que guia Mendes Dias em “O fascínio do pior: moda e mercado do olhar”, no entanto, sua análise se dirige não a um objeto, mas ao olhar como objeto fetiche:

Ao partir do princípio de que o fascínio do pior se define pela suspensão da divisão subjetiva promovida pelo olhar como causa de gozo, podemos considerar que a questão em jogo não se encontra no campo da representação, no sentido de um referente, enquanto objeto visível e presente materialmente no mundo... O olhar, como objeto fetiche, é o outro nome do gozo como causa da suspensão da divisão subjetiva. (p. 153)

O olhar fetichizado, instrumentalizado pela lógica perversa do mercado, estrutura as relações do sujeito com os objetos, que se oferecem como promessa de completude a esse mesmo olhar fascinado. O autor, entretanto, enxerga no processo analítico a possibilidade

de transformação da fascinação em graça: “A graça é enteada do humor e filha do sorriso. Ela é política. A graça fixa uma letra de gozo que permite ao significante se encadear em outra direção” (p. 157). A graça é o espelho por meio do qual é possível olhar para a cabeça de Medusa sem se petrificar.

No entanto nem todas as irrupções do pior conduzem à saturação do sujeito e de seu desejo, existem aquelas que são relatos de passagens que, embora não se percam no pior, não deixam nunca de tê-lo sempre à vista. São algumas dessas produções que Fingermann apresenta em “Os passadores do pior. Beckett, Blanchot, Duras: Travessias”. “Um passador é quem ajuda a franquear, ultrapassar um obstáculo, uma fronteira, o caminho da morte” (p. 94). Essa ajuda não se traduz em orientação, ensino ou modelo a ser seguido, mas no testemunho de uma travessia que procura “tornar transmissível o inominável” (p. 95), promovendo inéditos encontros com antigas questões. A literatura oferece a possibilidade de enlaçar o pior sem ser trago por ele e ainda oferecer essa experiência a quem souber desfrutar desse testemunho.

Um belo contraponto ao texto de Fingermann é o estudo de Mendes Dias sobre o caso do Unabomber, “O pior da ciência: o mártir de um nome”, que mostra uma situação em que a escrita não permite esse atravessamento do pior. A referência simbólica às falhas e fissuras no Outro que encontramos na literatura assumem no caso das cartas-bomba um outro estatuto: “Trata-se da escrita de um buraco no Outro, sua explosão, condição a partir da qual o sujeito pode ter um lugar junto a ele, esburacando-o.

Uma mensagem explosiva, dirigida a um Outro, desde cedo constituído pela explosão do lugar do sujeito.” (p. 142).

É a análise desse episódio que permite ao autor colocar questões em relação à condução do trabalho com a psicose:

O problema em relação à psicose se refere exatamente a esse ponto em que o fora não deve ser homologado a um exterior, em contrário a um exterior, situado de forma geométrica... Questão a ser considerada, quando se pretende aproximar a experiência daqueles que estão “presos do lado de fora” da práxis dos que se mantêm fora pelo lado de dentro. (p. 148)

Seja pelas reflexões que promove no âmbito da clínica, seja pela colaboração que oferece à análise dos fenômenos sociais, *Por causa do pior* é um livro que não retrocede diante das forças que invoca. Coloca o pior em causa e aceita percorrer os caminhos que dele derivam para bem ou para mal. Exercício corajoso de reflexão, convida a todos os que se esforçam para que a psicanálise não perca sua virulência a continuar com sua luta. Trata-se, enfim, de um belo livro, ou mais precisamente, parafrazeando Raduan Nassar, belo porque consente o feio.

## Referências

- ADORNO, T. W. (1951/1992). *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1992.
- FINGERMANN, D. e MENDES DIAS, M. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

*Recebido em 4/12/2008; Aprovado em 7/1/2009.*